

CAPÍTULO ONZE
O NARRADOR HERDEIRO E O LEGADO
AUTORITÁRIO EM *LEITE DERRAMADO*,
DE CHICO BUARQUE

PAULO HENRIQUE CAVALCANTE SOUZA

Especialista em Letras Português e Respectiva Literatura
Universidade de Brasília (UnB)
E-mail: paulohcsouza@gmail.com

DOI 10.56372/desleituras.v12i12.191

Resumo: Este ensaio propõe uma leitura crítica do romance *Leite Derramado* (2009), de Chico Buarque, a partir da figura do narrador herdeiro como representação simbólica da decadência das elites brasileiras. Com apoio na teoria do romance de György Lukács e no pensamento crítico de Ángel Rama e Antonio Candido, analisa-se como a narrativa fragmentada, autorreferente e contraditória do protagonista expressa não apenas o colapso material de uma aristocracia, mas também sua permanência simbólica por meio da memória seletiva e da resistência às transformações sociais. O romance constrói, assim, uma crítica ao legado autoritário que estrutura a sociedade brasileira, revelando tensões entre passado e presente, elite e povo, tradição e mudança. A figura do narrador herdeiro emerge como alegoria da ruína de uma classe social que, mesmo em declínio, projeta seus valores sobre o tecido social contemporâneo.

Palavras-chave: Chico Buarque. *Leite Derramado*. Narrador herdeiro. Romance; Autoritarismo. Elite brasileira.

Abstract: This essay presents a critical reading of Chico Buarque's novel *Leite Derramado* (2009), focusing on the figure of the heir-narrator as a symbolic representation of the decline of the Brazilian elite. Drawing on György Lukács's theory of the novel and the critical perspectives of Ángel Rama and Antonio Candido, the analysis explores how the narrator's fragmented, self-referential, and contradictory discourse reflects both the material downfall of an aristocracy and its symbolic persistence through selective memory and resistance to social change. The novel articulates a strong critique of Brazil's authoritarian legacy, exposing tensions between past and present, elite and people, tradition and transformation. The heir-narrator emerges as an allegory of a social class in decay that continues to project its values onto contemporary society.

Keywords: Chico Buarque; *Leite Derramado*; heir narrator; novel; authoritarianism; Brazilian elite.

INTRODUÇÃO

Este ensaio propõe uma leitura crítica do romance *Leite Derramado* (2009), de Chico Buarque, à luz do conceito de narrador herdeiro como figura literária representativa da decadência das elites brasileiras. O romance retrata a trajetória de um centenário que, embora descendente de uma linhagem aristocrática, termina seus dias em um hospital público, em situação de extrema vulnerabilidade. A análise parte da compreensão da forma literária como expressão das contradições históricas e sociais, conforme propõe György Lukács, e dialoga com o pensamento crítico de Ángel Rama e Antonio Candido, que interpretam a literatura latino-americana e brasileira como reflexo e instrumento de análise das realidades nacionais.

O projeto literário de Chico Buarque, especialmente em *Leite Derramado*, articula memória individual e história nacional, tensionando ficção e realidade de modo a construir uma crítica contundente às estruturas autoritárias e excludentes que moldaram a sociedade brasileira. O narrador, um aristocrata em ruína, não apenas rememora sua linhagem e seus privilégios perdidos, mas também revela, por meio de sua narrativa fragmentada e contraditória, os mecanismos de perpetuação do autoritarismo e das desigualdades no Brasil.

O problema de pesquisa que orienta este ensaio está centrado na figura do narrador herdeiro e sua relação com a formação social do Brasil: como essa figura expressa, simbolicamente, o declínio das elites tradicionais diante das transformações históricas? De que modo sua trajetória revela as permanências estruturais do autoritarismo e da desigualdade social? A análise busca responder a essas questões examinando a estrutura narrativa da obra e a forma como ela figura a decadência simbólica de uma aristocracia incapaz de compreender — ou aceitar — seu desaparecimento histórico.

O ROMANCE COMO FORMA: HISTÓRIA, TEORIA E CRÍTICA

Segundo György Lukács, o romance é a forma literária que nasce da cisão entre o indivíduo e o mundo, refletindo a desintegração da totalidade social e espiritual que outrora caracterizava a epopeia. Em “O romance como epopeia burguesa”, Lukács argumenta que a evolução do romance está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento das sociedades burguesas e suas contradições, tornando-se um espelho das lutas de classe e das transformações provocadas pelo avanço do capitalismo. O herói do romance moderno é frequentemente um sujeito desajustado, incapaz de se reconciliar com o mundo ao seu redor, e cuja trajetória expressa o drama de uma experiência fragmentada e alienada.

Essa perspectiva dialética permite compreender o narrador de *Leite Derramado* como uma figura que encarna, ao mesmo tempo, os resquícios de um mundo aristocrático em desaparecimento e o fracasso dessa aristocracia em se adaptar às novas configurações sociais. O velho Eulálio d’Assumpção, confinado a um leito hospitalar, é a imagem do sujeito derrotado pela história: um herdeiro de privilégios que não compreende sua falência social, insistindo em uma narrativa de glórias passadas que já não encontra eco no presente, como lido em, “Também passeava na Quinta da Boa Vista, só me dava dó a decadência do antigo palácio Imperial, que meu avô cansou de frequentar nos tempos de dom Pedro II-” (Buarque, 2009, p. 143).

Ian Watt e Franco Moretti, em suas análises sobre a forma romanesca, destacam a relação entre o romance e a ascensão de uma perspectiva individualizada da experiência. Watt enfatiza o surgimento do romance moderno como produto do empirismo e do individualismo, enquanto Moretti explora a forma do romance como campo de tensões sociais e de disputas simbólicas entre diferentes grupos e valores. Em *Leite Derramado*, essa tensão se manifesta na voz do narrador, que oscila entre a autoridade do patriarca, de sua própria figura como filho frágil, profissional me-

díocre, porém, herdeiro e de nome com a fragilidade do ancião decadente, hospitalizado, expondo as fissuras de sua identidade e de seu legado, e que, mesmo não tendo o mesmo poder social de outrora, segue afirmando que deve ser tratado de forma diferenciada, é de uma classe superior que não se mistura, mesmo estando falido e em um leito de hospital público, como é visto em:

Tenho fome. Os enfermeiros aqui são rancorosos, com exceção daquela moça, no momento não me vem o nome dela. Na falta dela, alguém precisa se ocupar de mim. Dispensio salamaleques, odeio intimidades, exijo atendimento neutro, profissional. Tragam-me por obséquio a minha goiabada, tenho fome. Virei o prato no chão, não nego, e voltarei a fazê-lo sempre que o bife vier com nervo. Sem falar que a comida cheirava a alho, deixem minha mãe saber. Deixem minha mamãe me cheirar, tão logo volte da missa, e ela vai descobrir que me serviram a comida dos empregados (Buarque, 2009, p. 101).

A LITERATURA LATINO-AMERICANA E BRASILEIRA COMO ESPELHO SOCIAL

A literatura latino-americana, segundo Ángel Rama, é indissociável das realidades sociais e culturais que marcam a região. Ela nasce em meio a uma história de colonização, desigualdades e regimes autoritários, posicionando-se como uma forma de resistência e crítica que denuncia as falsas aparências impostas pelas elites. Rama ressalta que a pluralidade cultural e social das Américas reflete-se na heterogeneidade da produção literária, que incorpora elementos populares e folclóricos para afirmar identidades locais e regionais. Essa literatura, portanto, é um instrumento de denúncia e reconstrução das identidades, que busca transcender as imposições de uma cultura dominante externa e reconhecer a diversidade interna da região, como pode-se ler na afirmação do pensador José Antonio Portuondo, trazida por Rama em seu artigo:

O caráter dominante na tradição do romance hispano-americano não é, pois, a presença absorvente da Natureza, mas a preocupação social, a atitude crítica que as obras manifestam sua função instrumental no processo

histórico das respectivas nações. O romance tem sido, entre nós, documento denunciador, cartaz de propaganda doutrinal, forma de chamar a atenção para os mais graves e urgentes problemas sociais e dirigido às massas leitoras como excitante da ação imediata (Rama, 1985, p. 97).

Antonio Candido, por sua vez, destaca que a literatura brasileira esteve desde seus primórdios ligada à formação da identidade nacional, marcadamente influenciada por contextos sociais, políticos e culturais específicos. Durante o Romantismo, por exemplo, a literatura foi utilizada para afirmar um Brasil independente e autônomo, valorizando as raízes indígenas, africanas e populares, ainda que sob uma perspectiva idealizada e elitista. Candido aponta que essa construção literária é permeada por tensões entre o nacional e o universal, o popular e o erudito, e as diferentes classes sociais, refletindo as contradições internas da sociedade brasileira.

Essa dupla função de denúncia e construção identitária permanece central na literatura brasileira contemporânea. A obra literária não apenas espelha as transformações sociais e políticas, mas também questiona e problematiza as permanências autoritárias e excludentes que atravessam o país. No contexto de *Leite Derramado*, essa perspectiva é fundamental para compreender a narrativa do narrador herdeiro, que encarna uma elite que, apesar da decadência material, tenta manter seu domínio simbólico por meio da memória e da narrativa seletiva, como poder ser visto em:

Mesmo vivendo em habitação de um só compartimento, num endereço de gente desclassificada, na rua mais barulhenta da uma cidade-dormitório, mesmo vivendo nas condições de um hindu sem casta, em momento algum perdi a linha. Usava pijamas sedosos com o monograma do meu pai, e não dispensava um roupão de veludo para caminhar até o alpendre no quintal, onde fazia minha higiene num banheiro com paredes chapiscadas e chão de cimento (Buarque, 2009, p. 137).

Dessa forma, a literatura brasileira pode ser vista como um campo de luta cultural, onde diferentes grupos sociais disputam

representações, vozes e espaços de poder. Através do diálogo com a obra de Rama e Candido, entende-se que a figura do narrador herdeiro de Chico Buarque é uma metáfora literária dessa disputa, simbolizando a resistência das estruturas autoritárias mesmo em meio à crise e ao esvaziamento dessas mesmas estruturas.

O NARRADOR HERDEIRO E O LEGADO AUTORITÁRIO EM *LEITE DERRAMADO*

O narrador de *Leite Derramado*, Eulálio d'Assumpção, representa a figura paradigmática do narrador herdeiro, portador do legado autoritário que marcou profundamente a formação social brasileira. Sua narrativa revela não apenas um passado familiar imponente, mas também a perpetuação de valores hierárquicos, patriarcais e excludentes que sustentaram o sistema político e social do país ao longo dos séculos. A obra evidencia como o autoritarismo se manifesta nas relações familiares e sociais, atravessando os espaços mais íntimos da vida do narrador.

Ángel Rama enfatiza que a literatura latino-americana muitas vezes atua como um espelho das estruturas autoritárias e das desigualdades regionais, denunciando as falsas aparências das instituições e das elites. Em *Leite Derramado*, essa crítica se manifesta na voz do narrador, cuja memória fragmentada e contraditória reproduz discursos de dominação e exclusão, revelando sua cegueira quanto às transformações sociais e sua insistência em legitimar um passado que já não existe, como em:

Seria até cômico, eu aqui, todo cagado nas fraldas, dizer a vocês que tive berço. Ninguém vai querer saber se porventura meu trisavô desembarcou no Brasil com a corte portuguesa. De nada adianta me gabar de ele ter sido confidente de dona Maria Louca, se aqui ninguém faz ideia de quem foi essa rainha (Buarque, 2009, p. 50).

Antonio Candido destaca que a literatura brasileira é inseparável do contexto histórico-político do país, refletindo as ten-

sões entre as elites e as camadas populares. O narrador herdeiro encarna essa tensão, pois embora pertença a uma linhagem aristocrática, sua fala é marcada por lapsos, contradições e uma realidade decadente que contradiz suas pretensões de poder e prestígio. A narrativa revela, assim, a falência simbólica da elite autoritária, que não consegue mais sustentar seu lugar social.

Além disso, a relação do narrador com o poder político, que atravessa diferentes regimes, mostra a continuidade das estruturas autoritárias no Brasil, independentemente das mudanças formais. Sua visão distorcida e seletiva da história expõe o papel das elites em perpetuar a exclusão e o racismo estrutural, evidenciando como o autoritarismo está inscrito nas relações sociais e familiares.

Por fim, a figura do agiota evangélico, que mantém o narrador com um teto em sua decadência, simboliza a inversão dos poderes, apontando para a emergência de novas forças sociais que desafiam o legado autoritário. Esse deslocamento evidencia a crise das elites tradicionais e a dificuldade da sociedade brasileira em romper com as estruturas históricas de dominação.

A TRAJETÓRIA DO HERDEIRO ENTRE ELITES E CAMADAS POPULARES

A trajetória do narrador herdeiro em *Leite Derramado* evidencia a complexa e contraditória relação entre as elites tradicionais e as camadas populares emergentes no Brasil contemporâneo. Seu casamento com Matilde, mulher de origem mestiça, representa simbolicamente essa mistura e tensão social. Segundo Candido, as literaturas brasileiras sempre refletiram a complexidade das relações sociais, com um olhar atento para as disparidades entre as classes e as nuances culturais que formam a identidade nacional.

O narrador, entretanto, se mostra incapaz de aceitar essa transformação social, manifestando preconceitos que revelam a persistência do racismo, do patriarcalismo e da exclusão social. Sua visão de mundo está calcada em uma memória seletiva que

tenta manter intactos os privilégios e as hierarquias herdadas, mesmo diante da evidência de sua própria decadência física e moral, vista em:

Visto que o assunto não rendia, perguntei-lhes se estavam felizes aqui ou se pretendiam voltar a África. Opinei que servir na polícia era um grande progresso para os negros, que ainda ontem o governo só empregava na limpeza pública (Buarque, 2009, p. 175).

Ángel Rama destaca que a literatura latino-americana é um espaço onde essas disputas simbólicas são travadas, permitindo vislumbrar as formas pelas quais o poder se reproduz e se transforma. Em *Leite Derramado*, essa luta se dá no interior do núcleo familiar e social do narrador, que, apesar de sua condição fragilizada, ainda tenta exercer uma autoridade simbólica sobre seu entorno.

A presença do agiota evangélico, uma figura oriunda das camadas populares e marginais, que se torna responsável pelo sustento final do narrador, expressa uma inversão do poder simbólico e material. Essa figura representa a emergência de novas forças sociais que desafiam a hegemonia das elites tradicionais e simboliza a complexidade das transformações sociais brasileiras, visto em:

Finalmente o pastor Adelton se compadeceu da nossa situação, dizendo-se um homem de Deus, antes que agiota. E esperando em Deus que o irmão Eulálio em breve reapareceria são e próspero, nos ofereceu um teto provisório. Tratava-se de uma casa de um só cômodo pegada à sua igreja nos arredores da cidade, uma hospedagem sem dúvida modesta, porém decente (Buarque, 2009, p. 176).

A dinâmica entre o narrador e essa nova figura social evidencia as contradições presentes na sociedade brasileira: enquanto o velho poder aristocrático se encontra em ruínas, forças antes marginalizadas ganham protagonismo, ainda que de forma ambígua e marcada por tensões.

Por fim, essa trajetória ressalta a dificuldade de reconciliação entre o passado e o presente, demonstrando que o processo de transformação social é permeado por resistências e conflitos simbólicos que se refletem na narrativa e na identidade do narrador herdeiro.

A DISSOLUÇÃO DA MEMÓRIA ARISTOCRÁTICA E O BRASIL CONTEMPORÂNEO

A figura do narrador herdeiro em *Leite Derramado* está intrinsecamente associada ao legado autoritário que permeia a história do Brasil. Eulálio d'Assumpção, protagonista da narrativa, encarna os resquícios de uma elite patriarcal, escravocrata e oligárquica, cuja autoridade se baseava em privilégios de nascimento e em uma visão hierárquica da sociedade. Esse personagem não apenas rememora o passado com saudosismo, mas também o reconstrói à sua imagem e semelhança, apagando conflitos e contradições que ameaçariam sua posição simbólica. Nesse sentido, o romance atua como crítica literária ao autoritarismo enraizado nas estruturas familiares, sociais e políticas brasileiras, que, segundo Antonio Candido, compõem uma das principais heranças da formação nacional.

Ao narrar a história de sua família e sua própria decadência, Eulálio revela um desejo inconsciente de preservação de um modelo autoritário que já não encontra espaço no presente. Como lembra Ángel Rama em *A cidade das letras*, as elites letradas da América Latina construíram narrativas de poder e dominação sustentadas pela palavra escrita e pelo controle simbólico do passado. Em *Leite Derramado*, esse controle é continuamente tensionado pela fragilidade do narrador, cuja memória vacilante e contraditória põe em xeque a veracidade de seu relato. A autoridade de Eulálio é assim deslegitimada por sua própria voz, instaurando uma crítica interna ao modelo autoritário que ele representa.

Nas noites seguintes fui acomodado em mesas de argentinos, e vi pouco a pouco esvaziar o meu prestígio na Lutétia, talvez porque já me falhasse

o francês fluente do meu pai. Ou porque meu dinheiro de bolso, como tudo o que vinha de minha mãe, era comedido (Buarque, 2009, p. 58).

A forma do romance — um fluxo de consciência descontínuo e fragmentado — também colabora para desmontar a ideia de um sujeito soberano, senhor da razão e da história. Em vez de oferecer uma narrativa coesa e estável, o texto apresenta uma fala marcada pela repetição, pela digressão e pela instabilidade temporal. Tal construção formal corresponde à desagregação da figura do herdeiro e do modelo autoritário que ele tenta preservar. A crítica imanente operada por Chico Buarque revela-se, portanto, não apenas no conteúdo da obra, mas também em sua forma estética, o que reforça a leitura de Lukács sobre o romance como expressão contraditória da totalidade social através do indivíduo.

Para ambos os gêneros, é necessário tornar evidente as peculiaridades essenciais de uma determinada sociedade por meio de destinos individuais, das ações e dos sofrimentos de indivíduos concretos. É nas relações do indivíduo com a sociedade, expressas através de um destino individual, que se manifestam as características essenciais do ser histórico-concreto de uma forma social dada (Lukács, 2000, p. 206).

O personagem Eulálio se coloca como testemunha privilegiada da história do Brasil, mas seu ponto de vista é enviesado, elitista e excludente. Ele minimiza as violências do regime escravocrata, trata com desprezo a miscigenação e manifesta incômodo diante das transformações sociais contemporâneas. Essa posição remete à concepção de Antonio Candido sobre as elites brasileiras como herdeiras de um “autoritarismo difuso”, que se perpetua nas relações sociais e políticas por meio da naturalização da desigualdade. O romance de Chico Buarque, ao colocar essa voz em crise, questiona o pacto ideológico que sustentou por séculos a dominação oligárquica no Brasil.

Além disso, o texto evidencia como a decadência da família de Eulálio não se traduz em ruptura efetiva com o passado, mas sim em uma forma de melancolia social, uma espécie de ressen-

timento histórico. Essa dimensão psíquica do narrador herdeiro ressoa com a análise de Ángel Rama sobre o papel das elites latino-americanas na manutenção de estruturas arcaicas de poder. Em vez de assumir uma posição crítica diante da mudança histórica, essas elites preferem lamentar a perda de sua hegemonia, perpetuando mitos de origem e narrativas de glória passadas. *Leite Derramado* desmonta essas narrativas ao escancarar o vazio moral e simbólico que resta ao herdeiro em decadência.

Tencionava montar uma peça libertária, porém ambientada nos anos 20, a fim de burlar a censura então vigente, e como figurino julgou que aqueles vestidos vinham a calhar. Aí, era um pouco de mais. Mandeï a pintoras às favas, com Maria Eulália fui irredutível, expor os trajes da minha mulher em palco de teatro seria uma afronta a sua memória. (Buarque, 2009, p. 147).

A relação entre autoritarismo e memória também é central na construção do romance. A memória de Eulálio não é apenas falha, mas seletiva, moldada pelo desejo de reafirmação de um passado idealizado. O uso de estratégias narrativas como a repetição obsessiva de episódios e o apagamento de fatos desconfortáveis revela como a memória pode ser um instrumento de dominação simbólica. Essa perspectiva está em consonância com a crítica de Candido ao modo como a literatura brasileira muitas vezes serviu para reforçar visões conservadoras da sociedade, mesmo quando pretendia ser crítica. Em *Leite Derramado*, contudo, essa função é subvertida: a narrativa implode sob o peso de sua própria contradição, expondo o autoritarismo como ruína.

Por fim, o romance de Chico Buarque oferece uma representação complexa e crítica da herança autoritária brasileira, articulando forma e conteúdo em uma operação literária que tensiona as bases simbólicas da formação nacional. O narrador herdeiro não é apenas um personagem anacrônico, mas uma alegoria da persistência de estruturas de poder baseadas na exclusão, na violência e na negação do outro. Ao desmascarar o legado autoritário, *Leite Derramado* contribui para uma leitura crítica da história

do Brasil, em sintonia com o projeto de interpretação literária de Antonio Candido e Ángel Rama, que entendem a literatura como espaço privilegiado de reflexão sobre a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de *Leite Derramado* permite compreender a figura do narrador herdeiro como uma alegoria da decadência das elites brasileiras e do esgotamento de um projeto autoritário de país. A partir da teoria do romance proposta por György Lukács e do pensamento crítico de Ángel Rama e Antonio Candido, foi possível demonstrar como Chico Buarque constrói, por meio da forma narrativa, uma crítica aguda às estruturas sociais, políticas e simbólicas que marcaram a história do Brasil.

A fala fragmentada, contraditória e obcecada pelo passado do narrador evidencia a desconexão entre a memória aristocrática e o Brasil contemporâneo. Sua ruína simboliza a falência de uma elite que, incapaz de se reinventar, termina relegada à insignificância — mantida viva apenas pela caridade de figuras outrora marginalizadas.

Nesse sentido, *Leite Derramado* se inscreve como uma das obras mais contundentes da literatura brasileira recente no que diz respeito à crítica das elites e à reflexão sobre o legado autoritário da história nacional. A figura do narrador herdeiro, longe de ser apenas um indivíduo em decadência, representa uma classe social que, mesmo em sua agonia, continua a projetar sombras sobre o presente.

REFERÊNCIAS

BUARQUE, Chico. *Leite derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CANDIDO, Antonio. *A formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 12. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

LUKÁCS, György. O romance como forma. In: LUKÁCS, György. *Teoria do romance*. Tradução de Lúcia Helena Vianna. São Paulo: 34, 2000. p. 17–39.

LUKÁCS, György. *Arte e sociedade: escritos estéticos, 1932-1967*. Seleção e apresentação de Nicolas Tertulian. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

RAMA, Ángel. *A cidade das letras*. Tradução de Sérgio Molina. São Paulo: Brasiliense, 1985.